



PRÊMIO  
EDUCACIONAL  
NOTA 10

2019

Joice Lamb





MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA

Joice Lamb



# A vida escrita



*ea*  
editora ática

A vida escrita: memórias de uma professora

© Joice Lamb, 2021

**PRESIDÊNCIA Mário Ghio Júnior**

**DIREÇÃO DE OPERAÇÕES Alvaro Claudino dos Santos Junior**

**DIREÇÃO EDITORIAL Daniela Lima Villela Segura**

**GERÊNCIA EDITORIAL E DE NEGÓCIOS Carolina Villari Tresolavy**

**COORDENAÇÃO EDITORIAL Laura Vecchioli**

**EDIÇÃO Juliana Muscovick**

**PREPARAÇÃO DE TEXTO Diogo Cardoso**

**REVISÃO Sílvia Campos e Caroline Silva**

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Luciana Facchini**

**FOTOS Arquivo pessoal da autora e Renato Pizzutto (p. 1 e 150)**

**ICONOGRAFIA Fernanda Crevin (tratamento de imagens)**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Lamb, Joice Maria, 1972-

A vida escrita : memórias de uma professora /

Joice Lamb. 1. ed. São Paulo: Ática, 2021.

152 p. (Coleção Delas)

ISBN 978-65-5739-004-7

1. Lamb, Joice Maria, 1972 – Memória autobiográfica

2. Professoras – Brasil – Memória autobiográfica

3. Coordenadoras pedagógicas – Brasil – Memória autobiográfica I. Título

21-5188 CDD 923,7

---

Angélica Ilacqua – Bibliotecária – CRB-8/7057

CL: 525635

CAE: 760504

2021

1ª edição

1ª tiragem

Impressão e acabamento:



editora ática

Direitos desta edição cedidos à Somos Sistemas de Ensino S.A.

Av. Paulista, 901, Bela Vista – São Paulo – SP – CEP 01310-200

Tel.: (0xx11) 4003-3061

Conheça o nosso portal de literatura Coletivo Leitor:

[www.coletivoleitor.com.br](http://www.coletivoleitor.com.br)

7	<b>Introdução</b>
9	<b>I Dentro de mim</b>
33	<b>II Minha vida feito poesia</b>
59	<b>III Ensinar e aprender</b>
95	<b>IV Desafios e conquistas</b>
115	<b>V Pelo mundo</b>
139	<b>Linha do tempo</b>



### Memórias de uma professora

A experiência de colocar nossas lembranças em palavras escritas não é um procedimento livre de incertezas, já que a vida passada, quando orientada por nossas memórias, vem filtrada pelo contexto da vida atual que a gente vive. Na impossibilidade de escrever a vida vivida, só posso escrever a vida lembrada.

Assim, inicio esta vida lembrada por onde eu começo.

Meu nome é Joice Maria Lamb. Nasci em Novo Hamburgo (RS) na tarde de 28 de janeiro de 1972. Sou filha de Armindo Rudi Lamb e Maria Julieta Lamb, ambos trabalhadores da indústria do calçado que partiram do interior do estado com suas famílias quando eram bem jovens. Tiveram três filhos: Vanderlei Lamb, que morreu ainda bebê, Valnei Jairo Lamb e eu.

Estudei em escolas públicas no Ensino Fundamental, período em que joguei handebol pelo time da escola. No Ensino Médio, fiz o curso de magistério numa escola católica por meio de uma bolsa de estudos. Com bolsa parcial, estudei Letras na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos – RS) e, tempos depois, fiz pós-graduação pela Escola de Gestores do MEC: Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica.

Na década de 1990, viajei pelo Brasil e pelo mundo, muitas vezes acompanhada de minhas amigas Lanussi, Andrea, Cidônia e Miria, e outras vezes com Jan Lou, um grande parceiro. Em 1991, passei no concurso para professora no município de Novo Hamburgo, cargo que ocupo neste mesmo município até hoje.

Os anos seguintes não foram privados de outras alegrias. Em 2000, conheci Dennis e nossas vidas se uniram em turbilhão. Essa

união nos presenteou com três filhos: Vinicius, Dylan e Tyler. Em 2012, fui trabalhar na EMEF Prof.<sup>a</sup> Adolfinia J. M. Diefenthaler, em Novo Hamburgo, na função de coordenadora pedagógica.

O ano de 2019 foi muito importante em minha trajetória, pois venci o Prêmio Educador Nota 10, premiação promovida pela Fundação Victor Civita e parceiros, e também fui eleita Educadora do Ano, por conta do projeto #aprenderecompartilhar – Escola Inovadora.

Os acontecimentos narrados neste livro não pertencem apenas a mim, mas também às pessoas com as quais eu os compartilhei. No entanto, as memórias narradas são só minhas. Posso contar apenas o que meus olhos viram e minha alma sentiu. A fidelidade aos fatos, então, fica submetida às minhas lembranças, aos meus sentimentos e ao tempo.

Sei também que as pessoas que compartilharam essa vida comigo têm suas versões para os mesmos momentos, versões que não posso acessar, mas que tenho muita alegria em saber que existem. Então, agora sei que existem três versões da minha vida que eu conheço: a vida vivida, a vida lembrada e a vida escrita, além de muitas outras versões entrelaçadas nas vidas de outras pessoas.

Vejam só: nenhuma dessas vidas é definitiva.







## Quando a vida começa na gente

Perguntei para meu filho quando a vida começa na gente:

— Deve ser quando a gente tem a primeira lembrança — ele disse.

— Será que há um momento em que a vida começa na gente e um momento em que a vida começa para a gente? — continuei.

— Agora, tu tá sendo muito sofista, mãe.

— A vida começa na gente quando ainda somos células no ventre da mãe; mas a vida começa para a gente quando podemos nos lembrar dela.

Bem, você pode torturar as palavras até que elas digam o que você quer dizer.

Entendi duas coisas nesse dia.

A vida começa nas lembranças. Minha vida começou com as palavras.

Tenho muitas lembranças das conversas que tive comigo mesma. Muitas delas na infância. Eu não tinha amigos imaginários. Aqueles que eu criava para participar das minhas brincadeiras não eram amigos, eram apenas personagens, sempre dominados por mim. Eu não era uma menina com muitas amigas para brincar em casa, recebia uma de cada vez, dificilmente duas. Eu não era muito boa em administrar triângulos, porque acabavam sempre em desavença.

Eu adorava brincar de casinha. O pátio da minha casa era grande e eu tinha uma verdadeira “mansão” que ocupava todo o quintal

com linhas imaginárias muito bem traçadas. Cozinha, quarto, sala, varanda. Fazia arroz de samambaia, bolo de terra e tinha também vinho da água tingida das calças vermelhas da vizinha: tinto e rosé. As brincadeiras eram ótimas, mas, eventualmente, minha amiga da vez ia embora para casa e eu ficava sozinha.

Era nesse tempo que eu passava sozinha que minhas narrativas mais absurdas aconteciam. Capítulos e capítulos de aventuras, que visitava e revisitava até esgotar e começar outra história. Eu sempre era importante, viajava, falava diversas línguas, tinha muito dinheiro, era sempre feliz. Não que eu não fosse feliz na vida real, eu era tão feliz quanto eu conhecia de felicidade.

Quando eu não estava na casinha, estava na “minha árvore”. Não consigo lembrar que tipo de árvore era, parecia mais um arbusto que eu domei desde pequenininha e ele foi crescendo e criando o espaço que eu usava para me sentar. Tinha folhas grossas e flores roxas num tipo de cacho. Quando meu pai iniciou a construção da casa nova, teve que cortar a árvore. Até hoje nunca encontrei outra igual.

As duas ameixeiras altas também eram um espaço de conversa, com uma amiga ou sozinha. Não havia muitos prédios altos na vizinhança, então eu tinha um grande horizonte de inspiração.

À noite, enquanto os outros estavam na sala ou na cozinha vendo televisão, eu ficava no quarto dos meus pais, na frente da cômoda da minha mãe que tinha um espelho. Ali eu era professora, viajante, espiã, socialite ou qualquer outra coisa que saía da minha cabeça. Uma vez, criei uma família inteira para mim. Eu era Krystynne Koskyowesken. Era uma família grande e todos os nomes começavam com K, cada um deles comportando todos os y e w que poderiam carregar. Eu adorava os y.

Não foram poucas as vezes que minha mãe colocou a cara na porta para ver com quem eu estava falando. Como se houvesse outra pessoa na casa além de nós. Lógico que eu falava comigo mesma. Eu também falava comigo mesma em inglês. Um *enrolation* do qual eu tinha muito orgulho.

Na adolescência, minhas palavras também eram refúgio. Tinha muitas agendas, na qual copiava alguns poemas e escrevia outros.